

APRESENTAÇÃO

Atualmente, há uma eloqüente preocupação dos cientistas sociais acerca dos intrincados processos e das relações que envolvem religião, sociedade, cultura e globalização. Essa preocupação faz surgir novas temáticas e marcos de interpretação que se refletem nos textos publicados neste número. Apresentamos aqui artigos sobre as relações entre catolicismos, reflexividade, gênero e constituição de redes; entre imaginários políticos e religiosos; entre pentecostalismos, política e audiência televisiva; e finalmente, entre budismos, ritual e terceiro setor. Objetos já com longa tradição de análise nas nossas disciplinas acadêmicas, revigoradas agora por novas abordagens e métodos de pesquisa.

Apresentando os textos selecionados, abrimos este número com a contribuição de José Rogério Lopes sobre as relações entre sujeitos que partilham religiosidades populares e “sistemas abstratos”, esses últimos podendo ser definidos como *saberes e fazeres* associados à produção de imagens e vídeos pelos próprios sujeitos. Lopes examina como essa produção imagética de festividades católicas populares está associada a justificativas e estratégias dos sujeitos frente à modernidade, num processo reflexivo de constituição identitária. Salientamos que há, nesse texto, uma discussão interessante sobre o papel do pesquisador na constituição do objeto “festa”, e em como esse papel acaba sendo deslocado e ressignificado quando as possibilidades de registro audiovisual estão difundidas entre os sujeitos pesquisados.

O diálogo da diversidade interna do catolicismo com a modernidade religiosa faz com que surjam formas de reflexividade relacionadas com releituras da trajetória pessoal, que podem expressar-se pela produção imagética ou por uma prática corporal como o *choro*. Nicolás Viotti apresenta-nos dados acerca de homens que choram em cultos carismáticos católicos em Buenos Aires, e as projeções dessa exteriorização da descoberta íntima sobre a biografia pessoal e o diálogo com as representações da masculinidade. São evidenciadas, nesse artigo, as possibilidades de articulação entre religiosidade carismática e a sensibilidade individualista Nova Era atualmente disseminada entre camadas médias das grandes cidades.

Ainda no terreno do carismatismo católico, mas desde um outro ponto de vista metodológico, Lillian Sales nos revela as conexões entre

mensageiros e videntes de Nossa Senhora dispersas em diferentes lugares de peregrinação no Brasil. A autora indica a existência de uma espécie de “público” afeito a essa experiência religiosa que emerge a partir do diálogo entre uma manifestação de religiosidade popular de tradição milenar como as formas intimistas de sensibilidade religiosa carismática. Esse público, e também os mensageiros e videntes da Virgem, circulam constantemente entre lugares de peregrinação e constituem redes de relações que envolvem níveis diversos de reciprocidade. De certa maneira, Sales sugere que essas redes sustentam um imaginário compartilhado, que envolve saberes e fazeres em torno das mensagens e aparições.

Ari Oro utiliza-se diretamente do conceito de imaginário, restringindo-o teoricamente e estendendo-o em suas implicações, no artigo que escreve sobre as relações entre imaginários religiosos e políticos na América Latina. Os dados apresentados são de uma pesquisa quantitativa realizada em cooperação com o grupo de pesquisa canadense coordenado pelo prof. André Corten. Uma comparação sintética entre diferentes países latino-americanos é realizada por Oro em termos de comportamento político, confiabilidade das instituições e representações acerca da religiosidade dos entrevistados.

Política e religião, apresentadas teoricamente enquanto campos sociais produtores de formas de crer que se comunicam na ação de sujeitos concretos, são abordadas por Carbonelli em seu artigo sobre a atuação política de agentes religiosos evangélicos no *conurbano* (região metropolitana) de Buenos Aires. As razões desse investimento na ação política, que inclusive era reprovado nos meios evangélicos em outras épocas, são abordadas conjuntamente às representações do político expressas pelos pastores. Carbonelli aponta como estratégias de acumulação de capital político a inscrição territorial, o poder de convencimento e a ação social desses jovens pastores no nível local, e encontra eixos discursivos que lhe permitem relacionar dois rearranjos simultâneos na Argentina, nos campos religioso e político.

As formas públicas de fazer crer, nos meios evangélico-pentecostais, envolvem não apenas ação social e política, mas também a construção de canais midiáticos gerenciados, em alguns casos, como empresas proselitistas organizadas para trazer o fiel de seu lar aos templos. O caso da Igreja Universal do Reino de Deus é bastante conhecido nesse sentido, porém o artigo de Swatowski publicado neste número descreve a interação de uma moradora da cidade de Macaé, no Rio de Janeiro, com a programação reli-

giosa disponível a ela na televisão. A autora discorre sobre as razões pelas quais essa mulher, uma “potencial conversa” nos termos de Swatowski, não participa e declara não ter nenhum interesse em participar dos cultos da Universal, apesar de assistir seus programas. Trata-se de uma descrição densa em torno de uma etnografia de audiência, que caracteriza em menores um sujeito social e seu entorno, e situa sua recusa à IURD sob diversos ângulos.

Os dois últimos artigos apresentam estudos sobre duas formas diferentes de budismo no Ocidente, a partir de trabalhos de campo na Argentina e no Brasil. No primeiro, Catón E. Carini detém-se numa comunidade budista específica para descrever a ritualística em torno da confecção do *kesa*, a principal vestimenta ritual do Zen, e a importância da passagem do *kesa* na ordenação do monge. O artigo de Carini caracteriza tal ordenação como um rito de passagem, descrevendo as representações associadas ao ritual e analisando a associação entre a passagem e a mudança da *persona* que o simbolismo ritual afirma, com o consequente câmbio de papéis sociais do indivíduo diante da comunidade.

O artigo de Suzana R. C. Bornholdt, por sua vez, trata da inserção da *Soka Gakkai International* no Brasil, que, segundo a autora, é caracterizada por uma ambigüidade de discurso e ação entre Organização Não-Governamental e religião. Esse movimento leigo, surgido no Japão em 1930, buscou introduzir-se no Brasil, ao longo da década de 90, através de uma estratégia que a princípio poderia parecer pouco proselitista. Atenta às demandas da sociedade civil, o braço brasileiro dessa organização religiosa implementou projetos ambientais e educacionais, buscando penetração social e procurando, a partir de sua personalidade pública de ONG, recrutar e manter sua membresia. Isso implicou num discurso dual por parte dos agentes principais da organização que, a despeito do número reduzido de membros, apresentam certa estratégia de *marketing* que põe sempre em primeiro plano a atuação social da organização.

Por fim, gostaríamos de partilhar com os leitores que a presente edição de *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião* foi editada a partir de chamada aberta aos sócios, como acontece a cada dois anos. Utilizamos nosso portal na Internet para disponibilizar os textos para um público mais amplo, porém nessa edição houve uma novidade. O portal serviu também para gerenciar todo o processo de submissão, avaliação e revisão de artigos. Estamos gratos a todos que colaboraram, entre autores e avaliadores de artigos, assim como à Pró-Reitoria de Pesquisa e ao Centro

de Processamento de Dados da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que nos oferecem suporte técnico.

Os editores